2

AS AGUAS MINERAES

DE

LONGROIVA,

POEMA PHILOSOPHICO:

OFFERECIDO A' EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. ANNA RAQUEL CID LEITE DE MADUREIRA;

POR SEU AUTOR

JOSÉ PINTO REBELLO DE CARVALHO,

Correspondente da Instituição Vaccinica da Academia Nacional das Sciencias de Lisboa, Estudante na Faculdade Medico-Cirurgica da Universidade de Coimbra, Medico do Partido da Camara da Villa de BARCOS, e Redactor, do Cidadão Literato.

COIMBRA:

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1821.

Com Licença da Commissão de Censura.

Quæ priscis memorata

Nunc situs informis premit et deserta vetustas.

HORAT.

DEDICATORIA.

SONETO.

Dos annos juvenis fructo e desvélo;
Talvez alivio de contrarios Fados;
Em quanto em mil ideias, mil cuidados,
Eu triste a noite solitario vélo:

Seguindo o trilho de immortal Modélo...
A Sciencia, á Natura consagrados,
Eis meus singelos versos mal traçados,
Dos annos juvenis fructo e desvélo:

Branda os acolhe, Tu, que á Natureza
Dás Lustre, e dás ás Filhas da Memoria,
Honra, ANALIA, *a teu Sexo, Honra, á Belleza:*

Terei do Lethes perennal Victoria,
Se Grata póde ser-te minha Empreza,
Que teu Approve me afiança a Gloria.

AO LEITOR.

Este Poemetto não tem semelhança, com aquelles que em nossa lingua possuimos, a não exceptuarmos alguma Traducção . . . porisso não faltará quem censure seu objecto, seu estilo, sua distribuição . . . não deixará d'haver quem crimine o emprego d'alguns termos scientificos: ainda que delles, como devido era, usei o menos que pude . . . mas não importa: digão o que lhes agradar, porque eu faço o mesmo, e escrevi o que me agradou.

Longroiva é uma pequena Villa da Beira Alta na Comarca de *Trancoso*, ao norte de *Marialva*, outra pequena Villa, porém mais conhecida por seu titulo de *Marquezado*: esta em tempo de *Trajano* teve o nome d'*Aravor*, e foi Cidade. Aquella, segundo nossas historias, foi povoada por *Fernão Mendez* de Bragança, que edificou tambem seu Castello, o qual em 1145 doou aos Templarios... É de crer, que fosse igualmente povoada, já do tempo dos Romanos; sabemos pois quanto elles amavão e promovião a construção de banhos, onde os podia haver. Com tudo, por uma inscripção latina, que na Torre do mesmo Castello pude descubrir, e lêr, ainda que custosamente, ve-se, que esta Torre foi construida pelos Cavalleiros em época posterior; ella é da maneira seguinte, gravada em letras romanas:

> IN ANNO.... GALDIM DVCTOR PORTVGALENSIVM MILITVM TEMPLI, REGNANTE ALFONSO PORTVGALENSIVM REGE, CVM MILITIBVS SVIS ÆDIFICAVIT HANC TVRRIM.

O Castello está todo em ruinas, mas a Torre bem conservada: a Villa está encostada a elle para poente no fundo d'uma ladeira: erguem-se em roda muitas collinas sobre uma das quaes fica o mesmo Castello. O clima é demasiado quente, o terreno sêcco, esteril. Consta que em tempo dos Cavalleiros era povoação de 900 visinhos, com muitas vinhas: destas nem vestigios ha, e terá hoje apenas 50 moradores: cultivão-se algumas oliveiras, e pouco trigo. O rio *Pisco* passa ao nascente. Ha ali duas Fontes d'aguas medicinaes: umas *sulphureas thermaes*, que tem em dissolução *hydro-sulphatos de soda e magnesia*: outras são mineralisadas pelo *ferro sulphadato* (a). Os Povos das vesinhanças vão usar destas aguas em suas molestias. Como porém nenhum Medico os dirige, elles não fazem dellas o devido emprego, abusando muitas vezes, como deve acontecer, d'um remedio precioso.

Nesta Terra fui passar alguns dias na companhia de meu estimavel amigo e patricio, o Sr. *Diogo Maria de Gouveia Pinto*: sobre as ruinas daquelle Castello ia passar muitas noites, convidado do sitio e da frescura, depois de calmosas tardes: ali compuz estes versos: o lugar, e as circumstancies mos inspirárão . . . Compunha-os para meu desenfado, e para mais nada . . .

. . . . Cantei desfeito em pranto;
Valha a desculpa, se não val o Canto.

Bocage.

(a) *Linck*, na sua viagem a Portugal, fallando destas Aguas, diz, que ellas contém *acido carbonico* em dissolução: mas não me pude assegurar de semelhante cousa; nem é crivel, que exista, pois que ellas se achão n'um estado de saturação pelo *sulphato de ferro*.

AS AGUAS MINERAES

DE

LONGROIVA.

POEMA PHILOSOPHICO.

Musa, que aos penetraes da Natureza
Linneo guiavas pela mão risonha,
E em seus milagres, nos portentos della,
Instruiste o Philosopho, se, ó Diva,
Escutaste propicia já meus votos,
Novos m'ensina divinaes Mysterios.
Tu, Desfontaines, Jussieu, Brotero
Aos Jardins levas da mimosa Flora,
E dos thesoiros vegetaes da Terra
As chaves lhes franqueias... Ao Poeta (a)
D'Albion inspiraste em seus transportes,
E cantou da Botanica os segredos.

(a) O Doutor Erasmo Darwin, celebre Medico e Poeta inglez, autor dos Poemas, o *Jardim Botanico*, traduzido em bellos versos portuguezes pelo Doutor V. P. N. da Cunha, os *Amores das Plantas*, etc., alem da sua grande Obra Medico-Philosophica, a *Zoonomia*.

O sacro fogo da Sciencia augusta,
Tu crias n'alma de BERZELIO e DAVY:
Tu de CHAPTAL, tu de FOURCROY, LAPLACE,
De BERTHOLLET, e LAVOISIER profundo,
(Cuja sorte cruel deploras inda),
Os passos conduziste ao sanctuario,
Onde Natura intrepidos surprendem,
E vão rivalisal-a . . . Inspira aquelle,
Que pretende cantar-lhe as maravilhas.

Do Philosopho a vista não só prendem
Amenos quadros, variadas scenas
Da vegetal riqueza, a Planta, as Flores,
Que a borda esmaltão d'aprasivel rio.
Mansos rebanhos, sobre a relva, as aves
Saudando a Aurora dentre os verdes ramos
Não fazem sempre dos mortaes o enleio.
Praz-me sobre estas escarpadas rochas
Velar da noite no silencio umbroso;
Ouvir os pios dos nocturnos mochos,
Que albergão nestes demolidos muros.

Caducas sombras da existencia humana,
A mão do tempo vos reduz ao nada!
Nestes recintos não penetra o vulgo
Cheio d'assombro, de respeito cheio!
Destas, em que tropeço, antigas campas;
Surgem phantasmas e receia e foge . . !
O Philosopho pensa, e não descobre,
Sequer, talvez d'Heroes as tenues cinzas.

Detraz dos cerros orientaes ao longe
Desponta o disco da brilhante Lua:
Argenteos raios para mim reflectem

Das erguidas collinas: olho a Terra
E só me vejo entre o silencio triste . . .
Religioso horror de mim se apossa,
E não sei que doçura provo nelle!
Os tortos ramos da oliveira escura
Alem os ventos brandamente impellem . . .
Ideias mil e mil se apinhão n'alma,
E vem ferir-me o coração MARILIA!
Da Bella em quanto sobre os alvos membros
Da fria dormideira esparge o succo
Da noite o Nume, eu solitario vélo,
Amo e suspiro . . . contemplando o sitio,
Onde aligeros sonhos, talvez meigos,
D'Amor lhe pintem deleitosos quadros.
Mas eu desperto, ó dor! não gózo tanto!
Amarga realidade a illusão quebra,
Que d'Amor o delirio a espaços cria.
Mas quanto é precioso o sitio, esta hora
Ao Philosopho e Amante, de quem Numes,
Tu és, Amor, tu és, Philosophia.
Ethereos Sylphos, que brincais nos ares,
Voai alem, onde MARILIA dorme,
E a imagem lhe pintai do terno ALCIPPO.
Da viva chama, que meu peito abraza,
Levai-lhe ao coração centelha exigua,
Um suspiro d'amor fazei que solte,
Correndo a mim, vinde trazer-mo, ó Sylphos!
Incessantes batei as leves azas,
Refrescai estes ares, que inflammárão
Ardentes raios do diurno Phebo.
Sobre elles entornai copiosas ondas

**

Do *vital oxygenio;* os mortaes germes (*a*)
Da atroz molestia dissipai no espaço.
Aqui, onde benéfica Natura
Preciosas fontes collocou da vida,
Principios não deixeis gyrar da morte.

Velai os dias da gentil Belleza,
Que vem d'HYGÍA offerecer nas aras
Votos, que o brando Amor talvez demanda.

Folgára, ó Genios, de subir comvosco
Essas ethereas regiões do Espaço,
Correr de Sol em Sol, de Mundo em Mundo;
Olhar de perto esses fulgentes Globos,
Que ora centelhão, que contemplo e pasmo!
Vulgo profano, que aborreço e choro,
Tu não penetras magestade augusta,
Onde assombrado o pensamento elevo!
Insensatos Mortaes, como sois nada
N'um breve ponto do Universo immenso!
E' só grande o Philosopho, que invade
Da Natureza o portentoso imperio:
E' só feliz quem conhecêl-a póde. (*b*)
Se igual o Genio a meu desejo fosse,
LAPLACE, e NEWTON, e a Razão, meus Numes,
Fizera os Astros resoar na Lyra:
Tinha em meus votos tão sublime empreza: (*c*)
Porém o grande, o magestoso assumpto
Inda vergar faria Herculeos hombros!

(*a*) Por *germes* não entendo aqui sómente as *sementes* de doenças; não é mais que uma expressão poetica, e pode significar quaesquer causas, que alterem nossos orgãos.

(*b*) *Felix qui potuit rerum cognoscere causas.*

(*c*) *Hoc erat in votis.*

Vós, que da Terra nas cavernas fundas,
Morais, ó Gnomos, ensinai-me, como
Ali os gazes combinais ligeiros
Por *Electrica Força*, e gratas fontes,
Producto delles, por sinuosas fendas,
Do Granito a travez, chamais ao dia.
Bebe nellas o Sabio o prazer doce
De proficuos estudos, bebe nellas
O languido doente esp'rança e vida.
O *combustivel Hydrogenio* leve
C'o *Oxygenio comburente*, ó Gnomos,
Vós sabeis entretér, e o permanente
Calor, da mutua contracção effeito,
Vem, na corrente salutar envolto,
Encher d'assombro e de proveito os homens.
Vós tambem onde os rígidos carvalhos
Sombreião as montanhas, ou susurrão
Verdes arbustos, que os Favonios movem,
Das aguas o vapor em frias ondas
Condensar ordenais, e gota e gota,
Pela terra absorvidas, de seu seio
Por canaes conduzís, trazeis de novo
Sobre a risonha encosta, onde saltando
Em grossos borbulhões diffunde a vida
Nos organicos reinos da Natura.
Desde o musgo rasteiro ao Ser, que pensa,
Tudo conhece o salutar influxo:
A humilde *grama* (*a*), que os imperios firma,
Por seu favor germina e vive e cresce,

(*a*) O trigo, e mais grãos Cereaes pertencem á familia, que os Botanicos chamão *Gramineas*, do Genero *gramen* incluido nella.

Por elle vinga a loirejante espiga.
Os flexiveis salgueiros reflectidos
N'agua tremúlão, e abraçar-se anhelão.
Namorada Pastora ali se espelha,
E o extremoso Amante conta ás aguas
Seu malfadado Amor, e ás Nymphas suas
Roga que tenhão de seus ais piedade.
Das lindas aves o canoro bando
Procura as bordas d'aprasivel fonte.
D'ali dimanão caudalosos rios,
Onde as riquezas e o commercio gyra.
Na terra, a que estes dons negais, ó Gnomos,
Definha tudo e murcha a Natureza.
Assim de Zara na estuosa areia,
Ou nos plainos da Arabia solitarios,
Da vida apenas se descobre a imagem.
Foi-vos mais cara a portentosa Europa,
E a cada passo das collinas suas
Fazeis brotar mananciaes correntes.
De muitas dellas no caminho estreito
Semeastes metallicas substancias
Em camadas alternas . . . assim VOLTA
Com profundo saber, assim BERZELIO,
E DAVY os *Discos* magicos alternão,
E nos ensinão os segredos vossos!
Passão sobre éllas perennaes correntes,
E pela *Força Electrica* influidas,
D'alimo calor se embebem, ganhão novos
Principios, ganhão propriedades novas.
A's Nymphas do lugar mandais, ó Gnomos,
Que zelem estes divinaes thesoiros,

Aonde corre a humanidade em pranto,
E bebe esperançosa alma saude.
Ah! quantas vezes vós surrís, ó Genios,
Alem aonde vossos dons dimanão,
Vendo a Joven Belleza em aureos copos
Vossas aguas beber . . . Amor surria,
Por ver o engano, e o remedio improprio!
Nessa da vida fulgurante aurora,
Quadra de novas sensações e gostos,
Sentia MARCIA o tempestuoso effeito
Dos annos juvenís, nos vivos olhos
Scintillava outro fogo, e mais vermelhas
Erão as rozas da nevada face.
Do branco seio arredondadas formas
Fazião mais formosa a gentil MARCIA.
Sentia a Bella em si, quanto em teus Quadros
Ricos nos traças, CABANÍS facundo,
Quantos nos teus, ROUSSEL, Pintor das Graças.
Porem no rosto as purpurinas cores
Desbotão cedo', c'o fulgor celeste
Dos olhos murcho, a languida tristeza
Demóstra o mal e a Natureza illusa.
Então d'HYGÍA vinha MARCIA ás aras
Offerecer seus votos, nestas fontes
Bebia ou *ferreas*, ou *sulphureas* aguas
Sem nenhuma vantage', outros remedios
Exige nesta quadra a Natureza.
Amor, que astuto occasião buscava,
De MARCIA ao peito seus farpões dirige;
Mostra-lhe ALCINO, e de repente a Bella
Soluça e ama, e pelo caro Amante

E' ternamente amada, em mutuo enlace
Saborão ambos mélicas doçuras.
Logo de MARCIA o coração com força (a)
Expélle o fluido onde circula a vida:
Um vivo fogo nos brilhantes olhos
Fulgurou, como dantes, e o alvo rosto
A costumada côr tomou das rozas:
Que tu suave Amor, tu podes tanto!
Aqui cem vezes teus farpões agudos
Vem ser aos corações 'stimulo idoneo,
E quando falhão mineraes principios,
C'o as proveitosas aguas combinados,
Amor, não falha teu divino fogo!

Tu, que nos olhos de MARILIA moras,
Cala-lhe ao coração, presinta a Bella
O effeito salutar da chama tua.
Da patria BARCOS (b) teus volateis Bandos
Apoz ella aqui vagão, nas mãos alvas
As medicadas aguas lhe offerecem.
Se nos tanques thermaes entra MARILIA,
Os Amores tambem com ella saltão;
Quando nos membros delicados descem
As pérleas gotas, co' as doiradas tranças
Elles os membros divinaes lhe enxugão.
Trepão travessos escarpadas rochas,
Para vir off'recer-lhe alpestres flores;
E quando o Sol a atmosphera abraza,
Voão lhe em torno, refrescando os ares.

(a) Veja-se a este respeito a nota adiante sobre a theoria estimuladora dos Brownianos.

(b) Barcos, villa na Beira sobre a margem austral do Doiro, perto da Foz do rio Tavora, patria do autor.

Assim outr'hora de viçosas vinhas,
Que estas sêccas encostas povoárão,
Puro *gaz-oxygenio* se desata
Vitaes influxos derramando em roda.

Estes muros então do valor forão
Preclaro Berço, nestas ermas rochas,
Fazendo rebentar dentre ellas flores,
Vinha cem vezes a risonha Venus
Gozar, a furto, de Mavorte os braços.
Vós, bellas Nymphas, destes sitios guardas,
Vieis cobrir de verde musgo as pedras,
E o chão forrar-se de perenne relva:
Sobre ella vezes mil festivaes danças
Ledas formastes c'os gentís Amores.
Mas annos muitos os mortaes 'squecêrão
Sacro culto d'HYGÍA e culto vosso:
Depois que abandonar bravos Soldados
Estas muralhas vistes, mas sem medo,
Ceder á furia de contraria sorte.
Se como em Gallia por sentença impía (*a*)
Seus irmãos d'armas ás fogueiras forão,
Forão aos cadafalsos; Heroes Lusos,
Impavidos fogueiras, cadafalsos,
Como elles arrostárão. Vós com pranto,
Com dor ouvistes seus *Adeos* extremos.

E'ccho por elles inda agora chama
Destes rochedos áridos em torno.
As Dryadas alem virão seus bosques
Perecer pouco e pouco; desta sorte

(*a*) Os Templarios em Portugal forão sómente expulsos, e nenhum foi, como em França, juridicamente assassinado.

Na abandonada Syria se divisão
Estereis campos, férvidas areias,
E assombrosas ruinas, onde outr'hora
Excelsa fronte levantou *Palmyra!*
Sobre os destroços da Cidade immensa
O Philosopho apenas hoje encontra
A mil profundas reflexões materia.
Porém destino mais propicio, ó Nymphas,
Ha de estes sitios melhorar um dia.
Estas collinas cobriráõ de novo
Arbustos verdes, arvores sombrias.
Ali por ellas as chuvosas nevoas
Háo de trazidas ser, d'ali manarem
Pelas encostas proveitosas fontes.
Lyeo de novo c'os pampineos ramos
Aqui ha de tambem cingir a testa.
E, refrescada a atmosphera em roda,
Ha de os principios diffundir da vida. (*a*)
Mais contentes as chusmas dos Amores
Da Formosura hão de brincar em torno.
Aos ouvidos levar-lhe amantes queixas,
Piscar-lhe os garços, expressivos olhos.
Este recinto, que Bellona amára,
Será d'HYGÍA venerando Templo.
Mais d'uma ASPASIA, como outr'hora em Patra,
Ha de vir off'recer a Amor e á Deosa
Ardentissimos votos: gratos sonhos
Esperar anhelante, e a voz sagrada,
Que pela boca d'ESCULAPIO sôa.

(*a*) E' assás conhecida a salubridade, que produz a bella vegetação d'arvores fructiferas (entre as quaes as vinhas tem o primeiro lugar) nos paizes, onde ellas se cultivão.

Nas sacras ondas mergulhando o corpo,
Ha de ver outra vez no espelho del'as
Saude e graça, que ao semblante voltão:
E cheio o coração d'almo transporte
No extasis feliz dizer contente:
"Torno a ser digua do Amor de P'RICLES.",

Nymphas! as vossas Nayadas de novo
Hão de nas mãos offerecer mimosas
As aguas suas aos mortaes doentes.
Alem aonde dissolvido tendes
Nellas, ó Gnomos, *sulphatado-ferro*,
Hão de risonhas as formosas Deosas
A' Belleza offertar seus dons celestes,
Quando o pallido rosto amortecido
Trasladar fóra, suas rozas murchas,
Do vital centro a falta d'energia (*a*),
E o sangue incólor, d'*oxygenio* pobre.
Entrelaçando ali flexiveis ramos
De salgueiros, os Faunos por entre elles
Hão de vir espreitar a Formosura
Com seus sofregos olhos. As mãos dadas,
Viráõ á fresca sombra Bella e Bella
Sentar-se as tardes do abrasado estio.
Zephiro em tanto sacudindo as folhas,
Aqui ha de entornar branda frescura,
Trazer das flores perfumado aroma,
Incentivo d'Amor, infundir n'alma

(*a*) Por este e outros lugares se vê, que eu aludia aqui á theoria dos *incitadores* Brownianos *legitimos* ou *bastardos*; ainda que hoje tenha sobre esta materia outras ideias, conformes á philosophica doutrina do immortal Doutor BROUSSAIS, basificada sobre a observação *anatomico-pathologica*, e sobre a pratica dos HIPPOCRATES, BAGLIVOS, etc., conservo este Poema da maneira que foi escripto em 1817.

Suaves sensações, prazeres novos.
O desvelado Amante á Amada sua
Ha de offertar o crystallino copo,
Sentar-se ao lado seu, beber com ella,
Mandar-lhe a espaços férvidos suspiros,
Em quanto a Bella, d'expressivos olhos
N'um magico volver, sorrindo, falla.

Ali outro escrevendo em liso tronco,
Ha de beijar as entalhadas letras.
Sombrio Choupo, que em teu pé conservas
D'ALCIPPO o nome, e o nome de MARILIA,
D'eterna duração teus dias sejão.
A mão do tempo, que destroça tudo,
Poder não tenha em ti, a ternos peitos
De dois Amantes a memoria guarda.
Sê mais duravel, do que foi seu gosto,
Rapido como o fuzilado lume!

Nayadas! Vós ali com vivo zelo
Heis de velar a humanidade em prantos,
Vossos dons ministrar-lhe, e doce esp'rança
Infundir n'alma do mortal enfermo,
A quem o Mundo e a existencia enfadão.
Heis de tornar a seus cançados orgãos
O perdido vigor, e aligeirar-lhe,
(Se á saude tornal-o não poderdes),
O pezo ao menos dos terriveis males.
Inda uma vez na consternada fronte
Ha de um riso apontar, até da campa
Sobre a horrorosa borda embriagar-se
Com a illusão da vida. Vossas Rozas
Assim cobrião ao Cantor de Theios
O caminho da morte; em paz serena

Olhava o termo, que aos mortaes prescreve
Terrivel Natureza . . . Amor e a Lyra
Inda lhe adoção nos algentes annos
A tardía existencia, que se escôa,
Qual tarde amena d'um sereno dia.
Sim, Aquaticas Deosas! se tranzidos
D'acerbas dores os mortaes vierem
Vosso auxilio implorar, morbosos membros
Em vossos tanques chafurdai sulphureos:
De seus vapores os *tecidos* varios
Imbeber lhes fazei. Aqui, ó Nymphas,
Jámais heis de negar vossas doçuras
Ao Sabio, que ha de vir de seus estudos
Um pouco descançar: nervosos males
Virá remediar c'o auxilio vosso.
Augustas producções, do Genio filhas,
Farão de novo resoar seu nome,
Em quanto aqui risonho em vosso gremio
Em meio do prazer colhe a saude.
As Musas immortaes a seus mimosos
Hão de almos versos inspirar benignas:
Do mago Chaulieu tomando a Lyra,
Que ousado eu pulso, gozareis, ó Deosas,
Talvez um dia, de Cantor mais digno.

Nymphas! outr'hora de Minerva ao mando
Brotar fizestes vossas quentes ondas
D'entre as rochas d'Hymera, quando ovante
De triumpho em triumpho o bravo Alcides
Ia seus bois apascentar formosos
Nos ledos campos da feliz Trinacria.
Para tornar-lhe as abatidas forças,

E os grandes membros vigorar-lhe, a Deosa
Vosso auxilio chamou; por entre as fragas
Vossas aguas thermaes trazeis ao dia;
E nos lapídeos tanques ensinastes
A mergulhar o Heroe; vossas mãos alvas
Derramárão sobre elle ondas e ondas,
E o restaurastes das fadigas suas.
Soube dest'arte magica MEDEIA
Com seus banhos limpar ao senil rosto
Duro ferrete, que lhe impõe os annos.
Aqui ALCIPPO, que casava o Canto
Da Lyra sua co'as argenteas cordas,
Em silencio ficou. Sylphos e Gnomos,
E as bellas Nymphas ás estancias suas
Em corêas tornavão. Já risonha
Com seus dedos de roza a branca Aurora
Abria as portas do oriente ao dia.
Tornavão-se visiveis os oiteiros,
E os Favonios mais frescos susurrando,
As orvalhosas pennas sacodião
Das oliveiras nas argenteas folhas:
Das oliveiras, que teu canto, ALCINO (a),
Meu doce Amigo, ha de tornar mais bellas.
C'roai, ó Musas, com seus verdes ramos
O mimoso Poeta; em paz disfructe
Vossas doçuras quem da Paz o emblema
Canta mais doce do que o Vate d'Ascra.

(a) O meu particular amigo, o Sr. *Antonio Luiz de Seabra e Soisa*, joven do mais raro talento e erudição, collaborador do *Cidadão Literato*, e autor d'excellentes Versos, sobre a natureza e cultura das oliveiras, e outros objectos.

Do Ceo fugião scintillantes astros,
A manhã conduzindo, de seu somno
As aves acordavão, homens, tudo.

Alcippo, entregue a seu cuidado amante,
Não prova os meles de Morpheo suaves:
A Lyra, que ás sciencias consagrára,
Tinha poisado, e na sonora Avena,
Da sua Bella anticipando a vinda,
Junto da fonte foi cantar Marilia.

NOTAS.

EM nenhum autor encontrei satisfatoriamente tratadas, segundo os principios da nova Chimica, a caloricação e mineralisação das aguas medicinaes: por isso junto a este Poema as seguintes considerações, que deduzi dos principios da Sciencia, ultimamente expostos nas Obras de DAVY, VAN-MONS, BERZELIO, OERSTED. Quando eu tiver conhecido, como insufficiente ou erronea esta theoria, gostosamente a desapprovarei, como sempre costumo fazer, toda vez que o estudo e a reflexão me chegão a mostrar em outra parte a verdade. Ella é o unico termo a que me dirijo: se porém deve fazer todo o amor do Philosopho: *Vitam impendere vero*; não deve fazel-o menos do Poeta: *Il n'est beau que le vrai.*

Ali os gazes combinaes ligeiros

Por electrica força . . . . .

PATRIN vendo que não podemos decompor a agua senão a uma elevada temperatura . . . que as pyrites de ferro, a cuja acção sobre a agua se tem attribuido por muitos physicos o calor das aguas thermaes, não existão em todos os terrenos, onde se encontrão aquellas aguas . . . parecendo-lhe que o contacto entre umas e outras deve ser momentaneo e insufficiente para haver as necessarias reacções . . . que aquelles mineraes deverião ter sido consummidos . . . vendo que as fontes ordinarias são influidas consideravelmente pelas estações, e que as thermaes pelo contrario são assás constantes em seu curso . . . . que ellas são influidas pelo estado electrico da atmosphera . . ., alem d'outras considerações, que deixo de referir aqui, conclue, que estas ultimas devem ter uma differente origem . . . Elle a attribue á combinação dos gazes hydrogenio e oxygenio no interior da terra. Estes gazes condensando-se produzem a agua: o *calorico* dos mesmos gazes, posto em liberdade naquella operação, deve produzir o calor, que se observa nas aguas; a inflamação daquelles fluidos deve ser feita por meio do electrico.

A mineralisação é explicada do mesmo modo, crendo que diversos fluidos se encontrem n'aquelle acto para esse effeito. Julga que os ditos fluidos devem da atmosphera affluir para o interior do globo . . . etc., etc. Quando compuz os versos, que dão lugar a esta nota, eu tinha adoptado esta hypothese . . . Hoje porém acho-a inteiramente inadmissivel. O hydrogenio só muito accidentalmente existe na atmosphera . . . e o oxygenio della como ha de penetrar até esses lugares subterraneos em quantidades tão uniformes, e por onde? O mesmo digo da electricidade como fluido particular. Mas, não obstante o que acabo d'expor, con-

servo aquelle lugar, que me parece com effeito admittir uma explicação, que tenho por muito plausivel, conforme ao estado actual da Quimica.

A analyse tem demonstrado como elementos primeiros de todos os corpos o *oxygenio e hydrogenio:* estes em quantidades iguaes constituião a materia primitiva inorganica do globo: o calor, ou séja fluido particular, ou seja simples modificação dos corpos, combinando diversamente aquelles dois elementos deu origem á organisação da terra. O calorico pois que só com o oxygenio tem affinidade, fazendo abandonar uma porção daquelle na materia primitiva, a deixou sobrecombinada d'hydrogenio, e os metaes forão produzidos . . . estes deverião occupar o centro de nosso planeta: o que a observação e o calculo parece terem provado. Estes, oxydados, constituem as terras, que cobrem a superficie do globo: estes oxydos ou terras deverão formar-se ao mesmo tempo, que seus metaes . . . o calor applicado a estes, reduzidos, extrahindo-lhes uma quantidade relativa d'hydrogenio, deve fazer desses corpos um oxydo: assim elles se devem ter oxydado e produzido as terras. O hydrogenio, posto em estado livre per meio do calor no oxygenio da materia primitiva, combinando-se com o oxygenio, que tinha sido extrahido, produzio a agua . . . nosso globo pois tomou uma fórma organica. Póde ser que esta se produza do mesmo modo no interior da terra, se sua materia primitiva inorganica se achar em algumas partes neste estado e em circonstancias identicas áquellas referidas, podendo o calor ser entretido na mesma materia não organisada, per meio das influencias electricas á maneira da pilha de Volta. Quimicos de grande nome, taes como Davy, Van-Mons, julgão que porções do globo podem existir ainda naquelle estado . . . Por isso conservei o lugar do texto, applicando-lhe esta explicação, não a de Patrin.

Quanto á decomposição da agua pelas pyrites, é verdade que não póde ter lugar da maneira, que tem sido por muitos concebida, para dessa sorte produzir os phenomenos do calor nas thermaes, e que Patrin combatia. Julgavão que uma das partes constituintes daquelle fluido, o oxygenio se combinava com o metal (o ferro) formando um oxydo: que o hydrogenio da porção decomposta se punha em liberdade, dissolvia o enxofre, e se tornava hydrogenio sulphurado, o qual mineralisava a agua restante, combinando-se com ella: o *calorico*, abandonado pelo oxygenio da oxydação, produzia o calor, etc., etc. Mas a agua sem o auxilio do calor, ou do oxygenio do ar, não póde oxydar o ferro, apenas o oxydula, e esta operação é insufficiente para a producção dos phenomenos de que tratamos. Aquelle fluido todavia póde substituir-se por inteiro, ou sem decompor-se, ao hydrogenio do metal: como o mesmo hydrogenio não tem affinidade alguma para o calor, todo o que se produz é conduzido pela agua: aquella parte livre do hydrogenio combina-se com o enxofre do sulphureto e torna-se acido *hydro-sulphuroso.* Para esta operação plenamente se effeituar é necessario calor pela parte do enxofre na pyrites: mas quando a massa dos mineraes, sobre que actúa a agua, é consideravel, o calor é já demasiado; vê-se que em muitas aguas thermaes a temperatura é elevadissima. Todavia os sulphuretos de *sodio* e *potassio* decompõe a agua na actual temperatura da atmosphera: um grande calor é produzido, e muito hydro-

genio *gazoso* se desenvolve. Este modo de mineralisação e calorissação póde existir em muitas aguas. Aquelles sulphuretos devem encontrar-se no interior do globo, assim como ali se encontrão os dos outros metaes. Diversos saes daquellas bases se achão em dissolução n'uma grande quantidade de fontes: as da Longroiva contém, como já disse, hydro-sulphatos de soda e magnesia.

Muitas explicações destes phenomenos da caloricação das águas forão dadas por diversos physicos e quimicos; todas tão futeis, quanto erão as bases sobre que ellas se fundavão, os diversos systemas que tem dominado a physica e a quimica. O mais prompto methodo de cortar todas as difficuldades, que esta materia na verdade offerece, é aquelle do Doutor RICHARDOT, quando tratando das aguas de PLOMBIERES, disse «Estas aguas são naturalmente quentes, assim como outras são naturalmente frias; porque DEOS assim as creou.»

BOMARE, e ultimamente THENARD, attribuem o calor das aguas á sua passagem sobre camadas de substancias aquecidas em consequencia d'operações quimicas, combinações, decomposições, etc., que tenhão lugar debaixo daquellas camadas; mas como se operão estas decomposições sem o concurso da agua?

De muitas dellas no caminho estreito
Semeastes metallicas substancias
Por camadas alternas . . .

Creio que outro modo de caloricação das aguas póde ter lugar á maneira da pilha de VOLTA . . . na passagem dellas sobre mineraes, que alternados no interior do globo, conservem uma perpetua reacção das forças electricas entre si. DAVY fazendo passar uma pouca d'agua por um tubo, posto em communicação com a pilha Voltaica, vio que ella se elevava a um grande gráo de calor. A acção da pilha conserva-se por um tempo indefinido, quando a humidade serve de laço entre os differentes discos . . . «As montanhas compostas de camadas alternativas, diz DELAMETHERIE, *Jornal de Phys.* Tom. 80, p. 227, de substancias metallicas, de pedras magnesianas, micas, talcos, serpentinas, formão especies de pilhas galvanicas mais, ou menos activas, umas das quaes são positivas, outras negativas.» Este modo pois de mineralisação das aguas me parece deve ter lugar em muitas dellas.

O terreno de Longroiva consta de camadas schistosas e granito: aquelles são schistos ferruginosos, magnesianos e talcosos; nelles encontrei varias *granatites* e outros mineraes de ferro. — *Dei uma descripção Topographica desta Terra em uma Memoria, appresentada á Academia Nacional das Sciencias de Lisboa em 1818, e actualmente impressa nas suas Actas.*